



PSICANÁLISE

Cláudia Cristina Antonelli

# O Estrangeiro: eu e você

*Um olhar psicanalítico contemporâneo*

*2ª edição*

**Blucher**

Cláudia Cristina Antonelli

# O ESTRANGEIRO: EU E VOCÊ

*Um olhar psicanalítico contemporâneo*

*2ª edição*

*Com participação de*

Luís Claudio Figueiredo

Cordelia Schmidt-Hellerau

Rui Aragão Oliveira

Daniel Delouya

*O estrangeiro: eu e você: um olhar psicanalítico contemporâneo, 2. ed.*

© 2025 Cláudia Cristina Antonelli

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenação de produção* Ana Cristina Garcia

*Preparação de texto* Maurício Katayama

*Diagramação* Mônica Landi

*Revisão de texto* Equipe de produção

*Capa* Juliana Midori Horie

*Imagem da capa* iStockphoto

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Antonelli, Cláudia Cristina

O estrangeiro : eu e você : um olhar psicanalítico contemporâneo, 2. ed. / Cláudia Cristina Antonelli. – São Paulo : Blucher, 2025.

168 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2622-2 (Impresso)

1. Psicanálise. 2. Subjetividade. 3. Psicanálise contemporânea. 4. Clínica psicanalítica. I. Título.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

# Conteúdo

Prefácio à 2ª edição	11
Prefácio à 1ª edição	15
<i>Cláudia Cristina Antonelli</i>	
1. Introdução	21
2. O Estrangeiro	39
3. Os exílios: o exílio na origem da Psicanálise	63
4. O método	77
5. Os estrangeiros deste livro: recortes das várias horas de diálogo	93
6. Síntese: fronteiras externas, fronteiras internas – Ou: <i>o lugar de cada um</i>	135

7. Um lugar de destinos cruzados	139
8. Considerações finais: temporárias	141
Referências do livro	145
Pertencimento e estrangeiridade: três notas de viagem sobre a xenofobia (e mais uma)	151
<i>Luís Claudio Figueiredo</i>	
Posfácio	163
<i>Rui Aragão Oliveira</i>	
Epílogo	165

## Prefácio à 2ª edição

Penso que o tema do Estrangeiro, em Psicanálise, é um dos que mais trata verdadeiramente de fronteiras – entre supostas dicotomias: o lá e o cá, o dentro e o fora social ou subjetivo; inter ou intra. Consciente e inconsciente. O outro e o eu.

A Psicanálise de forma geral se ocupou desse tema, mas a literatura, a meu ver, é campeã. E não somente se pensarmos no “Estrangeiro” propriamente dito (Camus, 1942), mas em tantos outros que tratam do tema, de forma às vezes até mais arguta.

A produção psicanalítica desse tema, às vezes, coloca-nos numa verdadeira montanha-russa. Quando se identifica o Estrangeiro como um *conceito-limite*, por exemplo, entre o social e o particular, “a fronteira é imaginária” (Koltai, 2000). Mas estamos, novamente, na fronteira. De algo que talvez não tenha uma?

Pois lembro-me agora de Mía Couto: “. . . Encheram a terra de fronteiras, carregaram o céu de bandeiras. Mas só há duas nações: a dos vivos, e a dos mortos” (Juca Sabão, em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*).<sup>1</sup>

---

1 Cia. das Letras, 2016.

O poeta, aqui e novamente, se aproxima da verdade do que tentamos cercar, cercear, definir: com fronteiras e bandeiras. Mas no fim – ou no início – estrangeiro é isto, algo sem contorno: é o humano.

O momento inicial, aquele que nos torna estrangeiros – talvez o próprio nascimento, se não antes, para “dentro da cultura humana”, da linguagem. Que de fato nos antecede, nos batiza, antes de nascermos. A saída do útero – certamente nosso primeiro exílio, formal.

As imigrações, deslocamentos; transmutações culturais, que já em lugar de não seriam posteriores, com toda a imensa importância que estas também têm.

Certo que estes mundos se entrelaçam e transformam-se no que, de fato, é o Estrangeiro. Isso tudo, e é o outro também, e seu desejo, que vem de outro lugar, e nós, também este outro. “Eu é um outro”, a conhecida máxima de Rimbaud.

Em algum momento depois, de outra língua, de outra vida política e social; de outra cultura; de outro clima na Terra. De outros registros. E é verdade que, diante dele, jamais permanecemos indiferentes:

*O estrangeiro gera, ao mesmo tempo, estranheza e inquietação, curiosidade e fascínio. Seu sotaque atrai por ser inusitado e faz com que notemos que sua língua materna permeia todo o seu discurso e se impõe de tal forma que sabemos estar diante de alguém que busca ser compreendido na sua singularidade. (Koltai, 2008, p. 100)*

O judeu – “figura paradigmática do estrangeiro”, que paga um preço alto por isto; entre outros todos estrangeiros... Esse estrangeiro, o objeto do preconceito e do ódio: como o pobre, o negro, o homossexual, o bissexual, o LGBTQIAP+, o “louco”, o outro – o que você quiser, ou melhor, aquilo que você *não quer*: aqui o estrangeiro/estranho é o que não reconheço como sendo como eu sou, parte de meu

*reinado*. Discrimino-o, recrimino-o e, finalmente, coloco-o para fora. Se necessário, eu o elimino. Na tentativa de destruí-lo em mim mesmo. Tentativa em vão.

Como este estrangeiro em nós, espécie de *unheimlich*; familiar estranho, nosso inconsciente, e de todos. Estamos aqui em verdadeiro solo estrangeiro. Forasteiro. *No man's land*.

Mas a terra está à vista. Uma língua estrangeira também nos atravessa, a cada um; o nosso próprio idioma (cf. Bollas).

Este caminho é vasto, a terra vai longe, e perto: sou eu, e é você.

Saí de São Paulo aos dois anos, e do Brasil aos 18; retornando após uma década, e depois mais uma década para o fruto de um mestrado com Luís Claudio Figueiredo, este livro em sua primeira versão (NEA, 2015). Agora, passados mais dez anos de trabalho, tenho a honra e o prazer de republicá-lo com este time forte: Luís Claudio Figueiredo, com quem este livro começou em São Paulo, agora com um capítulo de contribuição; um posfácio de Rui Aragão Oliveira, ex-presidente da Sociedade Psicanalítica de Portugal, colega escritor; uma orelha de Cordelia Schmidt-Hellerau, alemã baseada em Boston e na Sociedade Psicanalítica de lá (BPSI). O epílogo, do grande poeta Derek Walcott, Nobel de Literatura (1992), envia-nos sinais de fumaça póstumos da ilha de Santa Lúcia.

E daqui recomeçamos.

Maio de 2025

# Prefácio à 1ª edição<sup>1</sup>

De retorno a São Paulo – de início, um pouco como estrangeira em minha própria terra –, engajo-me na confecção desta pesquisa em Psicologia Clínica e Método Psicanalítico, refamiliarizando-me com a cidade, com os colegas, com a universidade, mas, sobretudo, com minhas próprias inquietações: afinal, perguntava-me, o que ou quem é o sujeito estrangeiro? Que fronteiras atravessa, onde se localiza? Nos tecidos psíquico, subjetivo, intersubjetivo e inconsciente, sim. Inquietações que se vertiam – não poderia ser diferente – em parte sobre minha própria história.

Durante este tempo fora de São Paulo e também do Brasil, pude estar em contato próximo, na condição própria de estrangeira, com diversas culturas, algumas bastante distintas da brasileira, em países

---

1 Texto da apresentação da defesa de mestrado intitulado *O sujeito estrangeiro: uma escuta psicanalítica de algumas experiências multiculturais contemporâneas*, no Núcleo de Método Psicanalítico e Formações de Cultura, com Luís Claudio Figueiredo, na pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 8 de novembro de 2013.

como a China, Finlândia, Grécia, Mongólia. E outras mais familiares, talvez: como a francesa. Observava tanto em mim quanto em outros “estrangeiros” desdobramentos psíquicos muito distintos diante daquele outro país, daquela outra língua, daqueles outros estrangeiros, expressados no falar outra língua, provar ou não de outra comida e de outros costumes, conhecer o outro e sua cultura – ou não.

Para além de atos – como podem parecer –, me revelavam, antes, escolhas muitas vezes inconscientes que se remetiam a aspectos muito próprios do mundo de cada um. Aspectos estes que talvez se fizessem também mais evidentes numa época em que a separação entre seus próprios referenciais e os alheios parecia um pouco *maior* que hoje. Quero dizer, época que antecedia as múltiplas ferramentas facilitadoras da comunicação (e-mail, Skype, Whatsapp, Facebook).

O tempo e o lugar da distância pareciam ser outros – assim como também o foram, mais ainda, no dia em que meus bisavós (e os de tantos outros) embarcaram fugidos da pobreza que assombrava a Europa daqueles tempos. Mas as imigrações não foram as únicas responsáveis pelo homem em movimento – tampouco a globalização a partir da Modernidade. Não é de agora, nem privilégio de nosso tempo.

O homem em movimento sempre assim foi. Atravessou a história humana, aqui chegou – e ainda não parou. Seu movimento, me parece, é inerente à vida. Contamos com grandes êxodos humanos (as imigrações territoriais, linguísticas, religiosas e coloniais), mas também com movimentos pequenos e individuais. A psicanalista Jeanne-Marie Segers distingue a *Grande História* – da humanidade e do mundo – da *Pequena História*: aquela de cada um.

Neste trabalho, citei algumas grandes, mas me debrucei, sobretudo, sobre cinco “pequenas”, de cinco *sujeitos estrangeiros*, a partir de um lugar muito específico: o do nosso encontro. Quis saber afinal: *quem é você, estrangeiro? Quais suas fronteiras – sobretudo “internas”, se assim chamarmos?* Com a ferramenta de um método de pesquisa,

tentaria eu melhor me aproximar, ainda que brevemente. Lembrei-me do soneto:

*Qual a sua substância, da qual você é feito, que milhões de estranhas sombras sobre você se deitam? Já que todos têm, todos, uma única sombra; mas você, só você, pode toda sombra ter.* (William Shakespeare, soneto 53, tradução livre)

Não tardei a ver: o estrangeiro sou eu, é você. O estrangeiro somos nós – disse-nos Julia Kristeva (1994). O *estranho* está em mim, em você, e em todos nós. É nossa vida mental (como nos mostrou Freud ao mostrar-nos o inconsciente), é nossa mente: nosso continente estranho/estrangeiro, que nos é também familiar (como continuou Freud em seu texto “O estranho”, de 1919). O estrangeiro é aquilo que não reconheço como sendo similar, como sendo “eu” ou meu: conforme já afirmava Rimbaud em meados de 1800, “Eu, é um outro”. Ou seja, “o outro”, se está em algum lugar, está antes de tudo, *em mim mesmo*. Dessa maneira, tornam-se desnecessários um sotaque e uma mala. Mas, antes, um espelho.

O estranho e o familiar, o dentro e o fora, o lá e o cá; o medo e o desejo; o sonho e a realidade: falamos em fronteiras, umas supostamente externas, outras internas, umas imaginadas, outras construídas; o antes e o depois; eu e você. Quase cairíamos no território da poesia, não fosse o rigor da pesquisa. Que, em Psicanálise, apesar de exigente – e de exigir-nos a constante demarcação de nosso território –, permite-nos acercarmo-nos de outros e com eles dialogarmos.

Como com os cinco “estrangeiros” entrevistados desta pesquisa, que eram, às vezes, como contos, narrativas, quase literárias: a narrativa humana. Falando-nos do movimento da vida, imbricado pelas redes relacionais e afetivas. Da problemática do encontro que, também ali, entre eles e eu, fazia-se presente. Afinal, o que eu queria

deles? Falaríamos a mesma língua? Ou seríamos também estrangeiros, uns para os outros?

Num atual filme de produção francesa intitulado *O filho do outro*, o jovem protagonista, acreditando-se francês, surpreende-se: dá-se conta que, em realidade, não é o filho biológico de quem pensa ser. Mas filho de um casal palestino da Cisjordânia. Ou seja: é em realidade de filho de *estrangeiros* de uma cultura que, em princípio, ele tanto odeia. Indaga-se-ele: “Quer dizer que eu sou o outro, e o outro sou eu?”. E conclui: “Sou meu pior inimigo e, ainda assim, devo me amar”.

Metáfora de nosso tempo? Ou, simplesmente, de nossa condição. Nascemos *no* outro – na mãe – e *do* outro – do pai. Seres da cultura, fomos todos exilados. Da natureza simbiótica e dual do ambiente materno para a civilização compartilhada, linguística – plural. Seres da fala, seres *estrangeiros* – qualquer que seja a língua ou a cultura de nossa origem. Ou seja: o primeiro estrangeiro, em terra estranha, o pequeno bebê. A isso Segers, já citada, chamou de *exílio íntimo*: condição inerente a todo sujeito se tornado humano. Em contrapartida aos eventuais exílios posteriores: as imigrações, as expatriações, as viagens, os exílios; os refúgios.

Os “estrangeiros” que entrevistei, com exceção de um exilado político, buscaram o prosseguir de suas vidas em outras terras, mas não por razões impostas. Ao menos, a imposição não vinha de *fora* (até onde a dicotomia é possível). “Uma ferida secreta, frequentemente desconhecida dele próprio, lança o estrangeiro na vida errante”, informou-nos Julia Kristeva (1994).

Assim, os entrevistados desta pesquisa, eles também donos de uma ferida secreta que os puseram em marcha, expatriaram-se carregando consigo seus sotaques e bagagens: ou seja, suas subjetividades. Atravessando fronteiras, sem queixa. Sem sequer terem me procurado. Eu os procurei. Apostando num pensamento de Tobie Nathan (2001):

*O que quer que digam, o exílio é um sofrimento, um dos mais agudos . . . Feito de assombro diante do próprio silêncio, da impossibilidade de estancar a saudade, da esperança sempre frustrada de um retorno às alegrias de um outro tempo.*

Completa Nathan que, no entanto, o exílio também pode ser uma aventura, “à condição de encontrar um lugar onde devolver um dia, a experiência acumulada”. Desta forma eu apostei em ser, ainda que brevemente, este lugar da escuta – ou pelo menos de *uma* escuta – para essas experiências acumuladas.

O que tinham, afinal, a nos dizer Maui, Lino, Laura, Michel e Raul (nomes atribuídos) em suas falas, em seus silêncios, em seus hiatos? É o que busquei escutar, pensar e transpor para este trabalho – sob a orientação de Luís Claudio Figueiredo e em ressonância com as ideias e reverberações do grupo de pesquisa daqueles anos.

Em diálogo e ressonância comigo mesma. O que eu, afinal, também tinha a ou queria dizer? O psicanalista francês René Roussillon, recentemente de passagem por São Paulo, disse algo que me veio de encontro: “É preciso falar, para saber o que se tem a dizer”.

Se desta cidade saí aos dois anos de idade – de certa forma, antes da aquisição da linguagem –, agora retorno, em melhores condições para falar, creio. Conforme a conhecida canção brasileira (por sinal, escrita em circunstâncias de exílio): “[Com] uma história para contar, de um mundo tão distante. Um soluço e a vontade, de ficar mais um instante”.

Convido-os, então, a ficarem mais um instante.

*Cláudia Antonelli*



**Uma pesquisa sobre o sujeito estrangeiro**, motivada por uma década vivendo no exterior, marcou, há dez anos, a estreia de Cláudia como autora na psicanálise. Nesse campo, o estrangeiro é um conceito crucial: de um lado, representa a sedução infindável do inconsciente, do sexual, que nos constitui e se projeta em objetos e ambientes; de outro, ameaça nossa aconchegada familiaridade, evocando o terror da perda de limites de si e provocando expulsão, rechaço e abjeção. Assim, surgem os “refugiados” e “emigrantes” de nossas almas, cujas manifestações encontram eco no social e político. Como ilustração, nessa década, entre a primeira e a segunda edições deste livro, a Europa ficou ameaçada pelos refugiados sírios e, recentemente, os incentivou a retornarem ao país de origem, agora livre de seu ditador criminoso. Neste livro, a escuta de migrantes ou exilados, fora de processos psicanalíticos, revela tramas transgeracionais que iluminam os encontros entre o inconsciente do sujeito, suas buscas migratórias e as reações que enfrentam.

*Daniel Delouya*

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2622-2



9

7 8 8 5 2 1 2 2 6 2 2 2



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## O Estrangeiro

Eu e você : um olhar psicanalítico contemporâneo

---

Cláudia Cristina Antonelli

ISBN: 9788521226222

Páginas: 168

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2026

---